

MARTIN BUBER, O FILÓSOFO DO DIÁLOGO:

A relação Eu e Tu

Mauro Maia Fragoso^(*)

Buber o filósofo do diálogo. Da relação Eu e TU. Relação esta que não ocorre nem no Eu nem no Tu, mas entre o Eu e o Tu. Um espaço independente daquele tridimensional em que nos situamos. Externo a ambos, ao Eu e ao Tu, como se cada um dos dois, em diálogo, se projetassem em direção ao outro, e, a meio caminho, se encontrassem. Interessa a relação. Nesse espaço interessa a relação através de um diálogo que seja direto, franco e espontâneo. Autêntico.¹
Rodolfo Geiser²

Na corrente da vida e dos estudos acadêmicos do século XX despontou-se um ramo da filosofia que ficou denominado como fenomenológica. Em 1916 Edith Stein, defendeu sua tese de doutoramento discorrendo sobre *o problema da empatia (El problema de la empatía*, Editorial Trotta, 2010). Neste seu texto, Edith Stein classifica o relacionamento humano como um entrelaçamento de fenômenos vivenciados entre um indivíduo e outro. Ampliando essa concepção fenomenológica, a vida pode ser comparada a um tecido que vai se formando através da trama e da urdidura entre os fios. Essa tecelagem não inclui somente os vivos, mas também os mortos através de seus feitos como escritos e objetos por eles produzidos. Na linha do tempo, mais adiante,

^(*) Doutor em Geografia na linha de pesquisa Cultura e Natureza pela UERJ. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Membro do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC). É membro do Conselho Estadual de Tombamento, INEPAC, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro. Integra a Comissão Nacional de Incentivo à Cultura vinculada ao Ministério do Turismo. Integra a Comissão de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro ou de seu Interesse. Desenvolve um intensivo trabalho na preservação da memória e do patrimônio cultural, principalmente no que concerne à Arte Sacra. Monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: maurofragoso@gmail.com

¹ Trecho extraído de texto publicado em **Língua e Realidade** de Vilem Flusser, por É Realizações Editora, in Monografias vol. II, São Paulo, SP, 2021, no Posfácio p. 351-358.

² Rodolfo Geiser é Engenheiro agrônomo, ecólogo e paisagista. Formado pela Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz (ESALQ/USP) em 1963. Recebeu a Medalha “Joaquim Eugenio de Lima”, outorgada em 1993, pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do ESP (AEAESP), pelo reconhecimento aos serviços em Paisagismo e Ecologia sob o ponto de vista da Agronomia. Autor de vários projetos de Paisagismo. Foi o editor convidado para o Dossiê O Sagrado e o Meio Ambiente I e II da revista Relicário (v. 6 n. 11 e v. 6 n. 12, 2019). O ensaio referido na epígrafe deste texto Fragoso traz temas de grande interesse para o universo da comunicação e mereceria ser republicado, mas por razões de ordem técnica não o publicaremos aqui. E-mail: rodolfogeiser@gmail.com

Alceu Amoroso Lima em seu livro *Companheiros de Viagem* (Editora José Olympio, 1971) comparou a trajetória da vida humana a um trem de passageiros com um ponto de partida estabelecido e um ponto de chegada previsto. Nesse trem, os passageiros entram e saem, nem todos fazem o mesmo percurso, mas de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, esses passageiros se tonam *companheiros de viagem* mediante a troca de suas experiências de vida. No entanto, entre *o problema da empatia* e *Companheiros de viagem*, em 1923, Martin Buber (Centauro, 2003) presenteou a humanidade com suas reflexões intituladas *Eu e tu*. Newton Aquiles von Zubben, ao apresentar essa obra de Martin Buber (2003, p. LXXI) diz que “o livro não deve ser considerado como um mero meio de comunicação, um objeto de prazer estético, de experiência, mas um verdadeiro Tu com o qual se estabelece um diálogo genuíno”. Um livro não é simplesmente para ser lido, diz ainda Zubben, mas para ser ouvido. Através da leitura cada leitor estabelece um diálogo com o autor a partir da experiência existencial de cada leitor. E é a partir da vivência de cada leitor que a obra revela o conhecimento para uns e o oculta para outros. Em relação aos dois primeiros autores citados – Edith Stein e Alceu Amoroso Lima –, Buber salta para fora do tecido social e dá um passo para além do vagão, sem, no entanto, perder o fio condutor ou mesmo a linha do trem e propõe um diálogo com a natureza na sua mais genuína maneira de ser. Buber (2003, p.7-9, n. 13-15) analisa uma possível experiência com uma árvore a partir da imagem dessa mesma árvore que se encontra em um determinado contexto paisagístico. Diz ele ser possível classificá-la segundo a sua espécie e observá-la como exemplar de um tipo de estrutura e de vida. “Tudo o que pertence a árvore, sua forma, seu mecanismo, sua cor e suas substâncias químicas, sua ‘conversação’ com os elementos do mundo e com as estrelas, tudo está incluído numa totalidade”. E continua Buber, “a árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta ‘em pessoa’ diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela”. E conclui: “não é alma da árvore ou sua dríade que se apresenta a mim, é ela mesma”. Assim, no pensamento de Buber, o indivíduo não é um ser isolado no mundo, “mas um ponto inscrito na rede do universo de um espaço e tempo”. Contemporâneos e igualmente formados na tradição judaica, a fenomenologia de Martin Buber (2003, p. 87, n. 91) e Edith Stein (*Ser finito y ser*

eterno, 1996)³, trata do relacionamento humano com as demais obras da criação até encontrar sua convergência no ser Eterno.

Nessa sua obra, Edith Stein (1996, p. 342-370) ao abordar o *sentido do ser* se aproxima consideravelmente do pensamento de Martin Buber. Segundo essa referida judia-cristã, o Deus que se apresentou a Moisés como Eu sou (Ex 3,14), envolve, abraça e guia toda sua obra da criação e a cada ser individualmente. Ele abraça todo ente, todo ser finito que tem nele sua origem. Assim, tendo sido o homem criado à imagem de Deus, eles veem uns aos outros como imagens uns dos outros a partir do Criador. Porém, ao eu finito opõe-se um tu, que por sua vez é outro eu, e por isso mesmo passíveis de diálogo por se tratar de duas pessoas semelhantes e simultaneamente distintas, constitutivos de um nós. Esse nós enquanto unidade constituída por um eu e um tu é uma unidade superior àquela formada apenas por um eu, pois a unidade formada por um eu e um tu possui um sentido mais perfeito, uma unidade de amor enquanto adesão a um bem maior e igualmente possível de um amor de si próprio. Esse amor é mais que uma simples adesão. É um dom de si mesmo a um tu que na sua perfeição dá origem a um ser único mediante a uma doação recíproca, à semelhança do amor narrado pelo Evangelista São João quando o Filho se diz ser Um com o Pai. Mas Stein adverte que o amor enquanto vida divina interior, vivenciado entre as três Pessoas da Santíssima Trindade, não pode ser substituído pelo amor entre Deus e as criaturas, porque esse não pode jamais ser o amor em sua perfeição suprema. E conclui dizendo ser a vida interior de Deus um amor recíproco inteiramente livre, imutável e eterno das três Pessoas divinas entre si. Seu dom recíproco é a essência e o ser existenciais e únicos, eternos, infinitos que se abraçam perfeitamente a cada uma das Pessoas da Trindade Santa e as três se abraçam juntamente.

No trem que me conduz à eternidade tenho a satisfação de ter por *companheiro de viagem* a pessoa de Rodolfo Geiser, que me apresentou Martin Buber e com quem mantenho um perspicaz diálogo sobre todo o universo como obra da divina criação. Ao dialogar com esse *companheiro de viagem* à luz da fenomenologia de Martin Buber e de Edith Stein vem-me à mente uma outra figura de linguagem além das anteriormente descritas. Rodolfo Geiser fez-me ver a relação humana, seja ela com que indivíduo for, seja ele humano ou não, como os dois fios de uma costura que se entrelaçam em determinados pontos. É esse entrelaçamento que dá sentido, sustentação e finalidade à

³ Utiliza-se aqui a edição mexicana **Ser finito y ser eterno: ensaio de uma ascension ao sentido del ser**. 2 Ed. (A. P. Monroy, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

costura. No sentido figurado, esse entrelaçamento pode ser visto como momento de intimidade, de união entre os que por vezes se encontram para uma troca de ideias ou de energia. Desse encontro, cada qual segue seu itinerário levando consigo um pouco um do outro sem, no entanto, lhe causar dano algum, mas pelo contrário, enriquecendo-se mutuamente com a troca de elementos vitais, para não dizer de conhecimento, de energia, como duas peças da obra da criação unidas pelo Criador.

(Recebido em junho de 2022; aceito em julho de 2022)

Seguem os Comentários

COMENTÁRIOS

Comentário de Vani T. de Rezende

Faço aqui um comentário a uma passagem dessa publicação de Mauro Maia Fragoso, pois me considero um “companheiro de viagem” nessa tentativa de compreensão do Eu e Tu. Explico: tudo começou quando vi uma publicação do livro de Martin Buber no Facebook, por Dom Mauro, na qual dialogava com Rodolfo Geiser, colaborador da Relicário e amigo pessoal. Me “intrometi” na conversa, uma vez que já conhecia o livro também por indicação de Rodolfo. Pedi então um texto a Dom Mauro a respeito para publicar neste número da Relicário, com o objetivo de criar uma espécie de Forum para o aprofundamento de questões relacionadas ao tema. Nessa passagem em que fala da reciprocidade das três Pessoas da Trindade entre si, lembrei de uma análise de Santo Agostinho que mostra a necessidade de compreender essa reciprocidade em termos de relação. Cito abaixo um trecho de um artigo meu a esse respeito, publicado na revista Educação e Filosofia da UFU (v.15 n.29, jan./jun, 2001, p.250-276) que, a meu ver, pode clarear, à luz de Agostinho de Hipona, essa reciprocidade na relação. O artigo, intitulado *A Imagem Humana da Trindade: um estudo sobre o livro XIII, 11, 12, das Confissões de Santo Agostinho*, tem por objetivo fazer uma análise estrutural desse pequeno e denso texto, um dos mais significativos de Agostinho. Nele o autor expõe, em poucas linhas, todo o percurso de suas reflexões sobre o conceito da imagem de Deus Uno e Trino no interior da alma humana, o qual se encontra desenvolvido em seu tratado *A Trindade*. Com base nesse percurso não se pode dizer que o conhecimento da alma conduz à Trindade, pois só esta, enquanto modelo daquela imagem, pode conduzir a alma até ela. A seguir, o trecho selecionado do artigo. Em itálico estão as palavras do próprio Agostinho, no seu texto em análise.

A imagem Una e Trina de Deus e o conceito agostianiano de relação

Será porventura graças a estes três que há a Trindade, ou em cada um dos três há estes três, de modo a serem três em cada um ?

Voltando à tríade do texto, na primeira hipótese, segundo a interpretação de Pierre Hadot (*La notion d' infini chez saint Augustin*), o Pai seria o ser, o Filho o conhecer e o Espírito Santo o querer. Nesse caso “há uma determinação da Trindade na distinção de três atos pelos quais a vida divina é plena e integral na relação entre ser,

conhecer e querer. Há uma trindade porque estes três atos são necessários à vida divina” (ibid., p.66). Não se pode perder de vista, contudo, que o ser de que se fala aqui é no sentido relativo, pois no sentido absoluto o Ser é Deus, e o Pai, embora seja Deus, (assim como o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus), não pode ser considerado Deus por excelência (assim como o Filho e o Espírito Santo também não o podem). Na Trindade não há diferença hierárquica e nem de funções: Pai, Filho, Espírito Santo possuem igualdade de substância, como foi visto anteriormente.

Na segunda hipótese, a cada uma das pessoas pertencem os três componentes da tríade. Como são três pessoas distintas, temos aí um "mistério" elevado ao cubo: O Pai é ser, conhecer e querer; o Filho é ser, conhecer e querer; e o Espírito Santo é ser, conhecer e querer.

2.2.2 Segunda alternativa: o infinito como fundamento último do finito.

Ou ambas as coisas se realizam de modo admirável - numa simplicidade que é justamente multiplicidade -, infinito em si e finito para si, pelo qual seja, se conheça e se baste imutavelmente na copiosa magnitude da unidade.

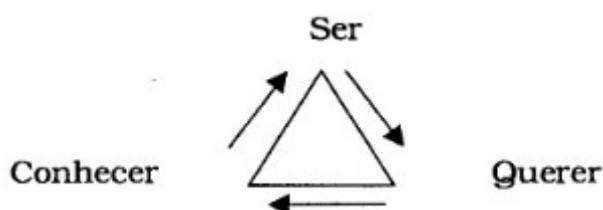
Sem dúvida o ponto central da reflexão agostiniana está nessa segunda alternativa, que inclui as duas hipóteses. O problema se insere num complexo jogo interativo entre simplicidade e multiplicidade, finitude e infinitude.

Para falar da natureza una e trina de Deus, Agostinho elaborou o conceito de relação. Sendo a natureza de Deus simples, não pode ser dividida em três substâncias. Mas nem tudo se diz conforme a substância. Falamos de Deus também segundo a relação: o Pai se diz em relação ao Filho e o Filho em relação ao Pai. Contudo a relação não é acidente: em Deus não há acidentes, mas identidade do ser com seus atributos, pois nele nada é mutável. A essência de Deus é a mesma que a das pessoas tomadas individualmente ou em conjunto. A relação, além de distinguir, opõe as pessoas sem comprometer a unidade e a simplicidade de Deus: o Pai não pode ser pensado sem o Filho e o Espírito Santo, o Filho não pode ser pensado sem o Pai e o Espírito Santo, e o Espírito Santo não pode ser pensado sem o Filho e o Pai. As três pessoas são ao mesmo tempo distintas quanto à relação e iguais na essência. A distinção também se faz quanto à processão: O Pai é ingênito, o Filho é gerado pelo Pai e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.⁴ "Assim, é do mesmo modo que dizemos também que o Pai é Deus, o

⁴ Cf. Livro V, 5, 6, p.196.

Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, e os três juntos um só Deus" (XV, 17, 28, p.524).

Voltando à interpretação de Hadot do texto em análise de Agostinho, há, portanto, determinação da Trindade (distinção de três atos), mas uma determinação na verdade infinita: em cada um desses três atos os outros dois estão contidos, sem romper a continuidade da vida divina. Há uma interioridade recíproca, sem limites, na qual determinação e infinito se confundem na integralidade. A integralidade exige que cada parte seja o todo e, portanto, que cada ato seja ao mesmo tempo os outros, em uma implicação sem fim, que seria expressável pelo seguinte gráfico:



Para ler o texto completo clique no link:

<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/725/659>

Não cabe aqui fazer as aproximações entre Agostinho e Buber. Fica em aberto novos comentários dos leitores, que serão incluídos no próximo número da revista, fechando esse ensaio de Mauro Maia Fragoso. Portanto, fiquem à vontade para fazer comentários, enviando-os por e-mail a um dos três envolvidos nessas reflexões, a saber: Mauro Maia Fragoso, Rodolfo Geiser e eu mesma. Ficaremos imensamente felizes se pudermos dar sequência a um diálogo frutífero a um “relacionamento humano como um entrelaçamento de fenômenos vivenciados entre um indivíduo e outro.” Esse é o espírito desse Forum, nova seção da Relicário, conforme explicado em Nota da Editora.

Vani T. de Rezende

Editora responsável

Doutora em Filosofia pela Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.
Professora de Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia (1997)
e na Faculdade Católica de Uberlândia (2004-2013),
onde fundou o Setor de Publicações Científicas e a revista **Interações**,
que hoje pertence à PUC Minas de Belo Horizonte.
Graduada em Filosofia pela USP e em Comunicação Social
pela Faculdade Cásper Líbero. Trabalhou durante muitos anos em
editoras comerciais, como revisora, redatora, editora e autora;
desde 2004 dedica-se, como editora, à publicação de revistas acadêmicas.

Comentário de Márcio Fernandes da Cruz

Evidentemente, a construção do pensamento humanístico cristão tem em Agostinho sua grande referência. Não obstante, seus escritos revelam a profundidade de sua experiência com o mistério trinitário, o que norteou o pensamento filosófico e teológico oriental e ocidental em seu tempo, marcado por doutrinas heréticas e paganismos.

O comentário de Vani T. de Rezende corrobora à abordagem apresentada pelo autor Mauro Maia Fragoso em seu texto intitulado *Martin Buber, O Filósofo Do Diálogo* no tocante à relação Eu-tu.

Na obra agostiniana, *A Trindade* (400-416) verifica-se aspectos relacionais entre as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) e os desdobramentos das ações teofânicas na Economia da Salvação, que estruturam o desenvolvimento do pensamento cristão acerca da Pneumatologia, Escatologia e Eclesiologia. Nesse sentido, ao revisitarmos as reflexões agostinianas acerca do mistério trinitário e suas ações na humanidade, compreendemos que a criatura humana é chamada a dar continuidade ao projeto divino pensado no coração da Trindade, a fim de sanar os resquícios da mancha original.

Não obstante, o texto de Vani T. de Rezende, **A imagem Una e Trina de Deus e o conceito agostiniano de relação**, apresenta uma abordagem acerca de aspectos da mística agostiniana, trazendo como um dos pontos altos a questão relacional entre transcendência e imanência (Criador e criatura). Essa perspectiva pode ser apresentada, em nosso entendimento, como uma análise que se aproxima daquela já refletida no pensamento de Martin Buber, na questão relacional entre o ser humano e as demais criaturas, bem como em São João Paulo II (2005, pg. 15) onde se diz que o “eu” se realiza e se reconhece somente em relação a um “tu”. Cada eu carrega uma marca indelével de um “tu”, aliás, o “eu” não poderia existir sem um “tu”, a pessoa nasce da interação entre um “eu” e um “tu”. Aqui, o termo pessoa indica um feixe de relações que constituem o ser humano na sua identidade, sem as quais não é ele mesmo. Desse modo, se o indivíduo se encontra na autonomia e na busca do poder, a pessoa indica um ser que se encontra nas relações e na busca da verdade. Isso nos indica que no contexto do amor (trinitário) dispensado à criatura humana, em que as três pessoas são ao mesmo tempo distintas quanto à relação e iguais na essência, tal como foi apontado acima.

A ação trinitária na criação torna-se evidente desde seus primórdios. Desse modo, ao criar, Deus também se revela aí por sua própria vontade e seus sinais na criação revelam infinitamente seu amor, misericórdia e bondade para com as criaturas.

No que se refere à ação trinitária, Agostinho nos aponta que as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) agem igualmente na criação numa só essência, não havendo aí uma separação das mesmas. Nesse sentido, a ação divina é indivisa, o que atesta a ideia de consubstancialidade, unidade e igualdade das pessoas.

Em Agostinho, é possível perceber o caráter teofânico nos textos escriturísticos que evidenciam a causalidade das coisas em detrimento da vontade divina enquanto lei superior de todas as coisas, bem como a invisibilidade de sua essência.

Sendo a alma uma substância espiritual e tendo sido criada não por outro, mas por aquele que tudo criou, embora mutável, não é visível. Estes princípios eles os aplicaram ao Verbo e à Sabedoria de Deus, por quem tudo foi feito e que é não somente invisível, mas também imutável; dotes estes que a alma não possui. Essa imutabilidade divina é mencionada na Escritura, onde se lê: permanecendo em si mesma, renova todas as coisas (Sb 7,27). (A TRINDADE, II, 8, 14, 1994, 85 p.)

Como toda criação, a criatura humana expressa e revela a bondade divina. Na criação, as criaturas encontram a imagem do criador e contemplam sua beleza e bondade infinitas. Assim, todas as ações humanas corroboram com a graça divina, uma vez que ao se acolher a revelação (Verbo encarnado) pela fé se continua a plenitude da obra começada.

Evidentemente, a relação entre criador e criaturas, poderá ser mais bem compreendida quando se diz que a bondade dos seres está em realizarem o projeto divino entre eles e a Trindade indivisa que fala às criaturas com uma linguagem peculiar estabelecendo uma relação intersubjetiva, própria da estrutura do amor agápico trinitário. Tal perspectiva não se esgota em nosso comentário introdutório acerca da temática em questão, mas apresenta luzes para reflexões ulteriores.

Márcio Fernandes da Cruz

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2012-2014). Doutorando em Filosofia pela UFU (2022-).
Especialista em Ciências da Religião pelo Instituto Passo 1 (2017).
Membro do Colegiado do Centro Internacional de Estudos Medievais da Universidade Federal de Uberlândia (CIDEMUFU) desde Agosto de 2018.
Possui experiência na área de Filosofia Geral, com ênfase em Filosofia Antiga e Medieval e se dedica à investigação do pensamento filosófico, educacional e teológico de Tomás de Aquino.